

# Construções de subordinação funcionalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em Português Europeu e em Português Brasileiro<sup>1</sup>

*Inês Duarte*

*Anabela Gonçalves*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

## I. INTRODUÇÃO

Os verbos perceptivos do Português ocorrem em diferentes construções, que variam essencialmente no que diz respeito às propriedades do domínio encaixado. Assim,

A. construção com T finito no domínio encaixado

(1) a. O João viu que a Maria lavou o carro.

O João viu que a Maria tossiu antes de responder à pergunta.

O João viu que as laranjas caíram antes de serem colhidas.

B. construção com infinitivo flexionado no domínio encaixado

(2) a. A mãe viu os miúdos comerem bolos.

A mãe viu os miúdos tossirem.

A mãe viu os miúdos chegarem.

C. construção de Marcação de Caso Excepcional (ECM)

(3) a. A mãe viu os miúdos comer bolos.

b. A mãe viu os miúdos tossir.

c. A mãe viu os miúdos chegar.

D. construção com predicado complexo

(4) a. A mãe viu chegar os miúdos.

b. A mãe ouviu tossir os miúdos.

E. construção infinitiva gerundiva (só em PE; cf. PIC, Raposo 1989)

(5) a. Eu vi os miúdos a devorarem o gelado.

b. Eu vi os miúdos a devorar o gelado.

---

<sup>1</sup> Uma 1ª versão deste texto foi apresentada no colóquio "Português europeu/Português brasileiro: unidade e diversidade na passagem do milénio", Fortaleza, 14-16 de Março de 2001.

- F. construção gerundiva (só em PB e em variedades dialectais do PE)  
 (6) Eu vi os miúdos devorando o gelado.

Neste trabalho, serão nossos objectivos:

- (i) apresentar as propriedades dos domínios não finitos funcionalmente defectivos dependentes de verbos perceptivos, a saber, em construções de ECM, de predicados complexos, em infinitivas gerundivas e gerundivas;  
 (ii) propor uma abordagem comparada Português europeu (PE)/Português brasileiro (PB) das construções referidas em (i).

## II. A CONSTRUÇÃO PERCEPTIVA EM CONTEXTOS NÃO FINITOS FUNCIONALMENTE DEFECTIVOS

### 1. Construções de Infinitivo: ECM e predicado complexo (*fazer-Inf*)

#### 1.1. Propriedades

Quer na construção de ECM quer na construção de predicado complexo, o verbo do domínio encaixado ocorre no infinitivo não flexionado, não sendo visíveis fenómenos de concordância sujeito-verbo nesse domínio:

- (7) a. A mãe não os ouviu [dizer disparates]  
       b. ??\*A mãe não os ouviu [dizerem disparates]  
 (8) a. A mãe ouviu tossir os meninos.  
       b. \*A mãe ouviu tossirem os meninos.

No entanto, estas construções apresentam um conjunto significativo de propriedades distintas. Em primeiro lugar, existem diferenças quanto à posição do chamado Sujeito encaixado: entre o verbo superior e o verbo encaixado na construção de ECM, em posição final na construção de predicado complexo:

- (9) a. A mãe ouviu **os miúdos** dizer disparates.  
       b. A mãe ouviu tossir **os meninos**.

Note-se que, em ambos os casos, o sujeito encaixado verifica os seus traços casuais (acusativo) no domínio superior, pelo que, quando o referido sujeito é um pronome, Subida de Clítico é obrigatória:

- (10) a. A mãe não **os** ouviu [dizer disparates]  
       b. \*A mãe não ouviu [**os** dizer/dizê-**los** disparates]  
       c. A mãe ouviu-**os** [tossir].  
       d. \*A mãe ouviu [**os** tossir/tossi-**los**].

Em segundo lugar, o domínio infinitivo das construções em causa apresenta diferentes graus de autonomia sintáctica. Assim, enquanto na construção de ECM o domínio encaixado permite a ocorrência do operador de negação frásica (cf. (11a)) e a legitimação de clíticos complemento (cf. (11b, c)), o que sugere alguma autonomia sintáctica, na construção de predicado complexo a ocorrência do operador de negação frásica no referido domínio produz um resultado agramatical (cf. (12)):

- (11) a. A mãe viu os miúdos [**não** fazer barulho]  
 b. A mãe viu-os [dar-lhe o livro]  
 c. \*A mãe viu-lhos [dar o livro]  
 (12) \*A mãe viu [**não** sair os meninos].

Finalmente, só na construção de predicado complexo se encontram restrições de natureza sintáctica associadas às propriedades do verbo encaixado. Assim, em PE, a construção não é possível se o verbo encaixado for um verbo transitivo

- (13) . as pessoas, com as chuvas, viram cair flocos de neve  
 [Natura/Público, par 43025]  
 (14) a. Os espectadores viram os Sadinós desperdiçar o golo.  
 b. \*Os espectadores viram desperdiçar o golo aos Sadinós.

Por seu turno, em PB, a construção só ocorre se o verbo encaixado for inacusativo:

- (15) a. viram surgir inesperadas filas em seus comitês  
 [NILC/São Carlos, par 73215]  
 b. Os negros de São Brás viram aparecer lá o animal as soltas [id., 1290428]

## 1.2. Análise comparativa das construções de Infinitivo em PE e PB

Na linha de Bošković 1997 e Gonçalves 1999, entre outros, assumimos que o domínio infinitivo da construção de ECM é uma projecção de T. Este núcleo é dependente de T matriz, exigindo-se sobreposição entre as situações descritas nos dois domínios oracionais:

- (16) \*A mãe ontem ouviu os meninos tossir, hoje.

De entre os argumentos empíricos em favor da projecção de T, salientamos os seguintes:

- (i) os clíticos objecto são legitimados no domínio infinitivo (cf. Duarte et al. 2001, para uma correlação entre o núcleo T e a legitimação de clíticos)

- (17) A Maria viu o João entregá-lo ao Pedro. (PE)  
 (18) Quem já leu o livro vai querer ouvir o escritor (...) se emocionar (PB)  
 [NILC/São Carlos, par 244056]

(ii) o operador de negação frásica pode ocorrer no domínio encaixado

- (19) A Maria viu os meninos não obedecer aos pais.

Por seu turno, o domínio infinitivo da construção *fazer-Inf* é mais defectivo do que na construção de ECM; a título ilustrativo, reveja-se o exemplo (12), cuja agramaticalidade decorre da impossibilidade de ocorrência do operador de negação no domínio encaixado. Assim, na linha de Gonçalves 1999, 2001 e de Gonçalves & Duarte 2001, assumimos que, nesta construção, o núcleo T não se projecta no domínio encaixado, sendo este domínio a projecção de um afixo de incausativização (Incaus), lexicalmente nulo, que suspende a capacidade de atribuição de papel temático externo pelo verbo encaixado.<sup>2</sup> O facto de este núcleo se projectar impede a passivização do domínio encaixado e a ocorrência de SE anticausativo, conforme o princípio de não redundância morfológica (Zubizarreta 1985):<sup>3</sup>

- (20) a. \*O professor viu ser destruída a sala pelos assaltantes.  
 b. O professor viu a sala ser destruída pelos assaltantes.  
 (21) a. \*A polícia viu dispersar-se os manifestantes.  
 b. A polícia viu os manifestantes dispersar-se.

Esta caracterização do domínio encaixado permite, por um lado, dar conta do facto de o sujeito não verificar traços casuais (nominativo) nesse domínio: em ECM, porque T é não finito (cf. (22) e (23)); em *fazer-Inf*, porque T não se projecta (cf. (24)):

- (22) Eles **me viram mostrar** a bandeira, junto com meu filho, com orgulho de ser brasileiro  
 [NILC/São Carlos., par 283250]  
 (23) Mas muitos dos que **o viram empunhar** o suporte metálico de um microfone lembraram-se imediatamente dos tempos do PREC  
 [Natura/Público, par 49545]

- (24) a. A mãe ouviu tossir os meninos.  
 b. A mãe ouviu-os tossir.  
 c. \*A mãe ouviu {tossir eles/tossi-los}.

<sup>2</sup> O DP em posição final não é, na realidade, o Sujeito do complemento infinitivo, correspondendo antes a um argumento interno ou internalizado (Tema) em virtude do afixo nulo, Incaus (cf. Gonçalves 1999).

<sup>3</sup> De acordo com este princípio, a junção de morfologia redundante é proibida (cf. Zubizarreta 1985: 278).

Por outro lado, o facto de T se projectar no domínio infinitivo de ECM dá conta da possibilidade de verificação de Caso dos complementos (cf. Duarte et al. 2001) nesse domínio:

(25) A mãe viu os meninos {dar-lhe/lhe dar} o livro.

Finalmente, a assimetria quanto às propriedades dos domínios encaixados em ECM e em *fazer-Inf* permite ainda dar conta do facto de na primeira não existirem fenómenos característicos da formação de predicados complexos (e.g., Subida de Clítico complemento (cf. (26a)), Movimento Longo do Objecto (cf. (26b))), ao contrário do que acontece na segunda (cf. (27)):<sup>4</sup>

(26) a. \*A mãe viu-os os miúdos comer.

b. \*Viram-se os deputados sair antes de votarem a proposta.

(27) Depois da explosão ouviram-se tocar várias sirenes por toda a cidade.

Esta diferença pode ser explicada se considerarmos que, na construção *fazer-Inf*, dada a ausência de T no domínio infinitivo, o verbo desse domínio tem de verificar os seus traços em T matriz, onde são também verificados os traços de V matriz. Daí que a sequência V-V se comporte como uma unidade estrutural face a determinados processos sintácticos. Na construção de ECM, a projecção de T encaixado impede a formação do predicado complexo, uma vez que o verbo encaixado pode verificar os seus traços no domínio em que é inserido, o que exclui a sua subida para o domínio mais alto, em conformidade com o princípio de economia nas derivações.

Como observámos na secção anterior, só na construção *fazer-Inf* existem restrições quanto ao tipo de verbo que pode ocorrer no domínio infinitivo. A impossibilidade de formação de um predicado complexo, em PE, quando esse verbo é transitivo permite colocar a seguinte hipótese (cf. Gonçalves 1999, 2001):

A formação de um predicado complexo do tipo *fazer-INF* (verbo superior causativo ou perceptivo) é condicionada pelas propriedades temáticas do verbo superior. Assim, só é possível a ocorrência de um Tema ou de um Alvo se, em frases simples, o verbo superior seleccionar um argumento com esse papel temático, em conformidade com o Princípio de Isomorfia de Bordelois (1974).

Assim, os verbos causativos podem formar um predicado complexo com o verbo encaixado mesmo quando este é transitivo (cf. (28b)), porque em construções

<sup>4</sup>Não apresentamos exemplos de Subida de Clítico complemento na construção *fazer-Inf* dada a impossibilidade de ocorrência de verbos transitivos no domínio encaixado desta construção (ver secção 1.1).



## 2. As construções de Infinitivo Gerundivo (PE) e Gerúndio (PB)

### 2.1. A construção de Infinitivo-Gerundivo

O infinitivo gerundivo (cf. Sten 1953) – construção de infinitivo preposicionado (=PIC), para Raposo (1989)<sup>5</sup> – ocorre em PE nos seguintes contextos: em frases independentes (cf. (31)), como sujeito de frases copulativas (cf. (32)), como predicado secundário não subcategorizado (cf. (33)), como complemento de verbos de elevação aspectuais (cf. (34)) e como complemento de verbos perceptivos (cf. (35)).

- (31) **Tu a saires e ele a telefonar.**  
 (32) **Um homem a beijar uma mulher no meio da rua** já não parece mal.  
 (33) O menino, **a rir**, contou a partida que tinham feito.  
 (34) Os miúdos ficaram **a brincar no jardim.**  
 (35) Eu vi **os meninos a devorar o gelado.**

Em contextos como (35), a PIC tem paralelo em construções gerundivas em variantes dialectais do PE, em PB e em outras línguas (cf. (36)). Nos mesmos contextos e com uma interpretação semelhante, podem ocorrer, em PE e noutras línguas românicas, pseudo-relativas (cf. (37)).

- (36) a. **Vi-o saindo** da igreja. (Alentejo)  
 b. Mas vai **ver** pessoas **bebendo** álcool normalmente [NILC/S. Carlos, par 221116]  
 c. J'ai **vu** [Marie **sortant** du cinéma] [Rizzi 1992: (4b)]  
 d. Vaig **veure** [la donna **passant** per la duana] [id: (4c)]  
 (37) a. **Vi** o João **que** saía do cinema.  
 b. Ho **visto** Gianni **che** usciva dal cinema. [id: (10)]  
 c. J'ai **vu** [Jean **qui** sortait du cinéma]

Quando subcategorizada por verbos perceptivos, a PIC apresenta as seguintes propriedades:

- (i) É comutável com o gerúndio

- (38) a. Eu vi os meninos **a devorar** o gelado.  
 b. Eu vi os meninos **devorando** o gelado.

<sup>5</sup> O infinitivo gerundivo apresenta propriedades que o distinguem de outras construções de infinitivo introduzido por *a*, em particular, das construções de controlo de objecto e de adjuntos adverbiais com valor condicional e temporal:

- (i) Autorizei-os **a sair**.  
 (ii) **A teres trabalhado com entusiasmo**, não te teriam despedido.  
 (iii) **Ao chegarem a casa**, encomendaram uma pizza pelo telefone.

(ii) Admite variação livre de infinitivo flexionado e não flexionado

- (39) a. Eu vi os meninos a devorarem o gelado.  
b. Eu vi os meninos a devorar o gelado.

(iii) A sequência à direita do verbo perceptivo forma um único constituinte, como o prova o seu comportamento sob Topicalização (cf. (40a)), (Pseudo-)Clivagem (cf. (40b, c)) e em pares pergunta-resposta (cf. (40c))

- (40) a. Os meninos a devorar(em) o gelado, eu não vi [-].  
b. Foi os meninos a devorar(em) o gelado que eu vi.  
c. O que eu vi foi os meninos a devorar(em) o gelado.  
d. - Sabes o que vi?  
- Não.  
- **Os meninos a devorar(em) o gelado.**

(iv) Não pode ocorrer material lexical entre *a* e a forma infinitiva, contrariamente ao que acontece em construções de controlo e em adjuntos adverbiais (cf. (41) vs (42))

- (41) \*Eu vi os meninos **a realmente devorar(em)** o gelado.  
(42) a. Os pais autorizaram os miúdos **a finalmente irem** acampar.  
b. **A realmente teres** tido cuidado, não estavas com essa constipação.

(v) O auxiliar perfectivo *ter* não pode ocorrer no domínio infinitivo:

- (43) a. \*Eu vi os meninos a **ter** devorado o gelado.  
b. \*Ouvimos os pais a **terem** chamado os miúdos.

(vi) Não pode ocorrer um pronome anafórico na posição de especificador de VP do domínio infinitivo (cf. (44)), contrariamente ao que acontece nas construções de controlo (cf. (45)).

- (44) a. \*Eu vi os meninos a devorar **eles** o gelado.  
b. \*Ouvimos os pais a chamarem **eles** os miúdos.  
(45) a. Os miúdos querem fazer **eles** o jantar.  
b. Os miúdos pediram para fazer **eles** o jantar.

(vii) Se o sujeito temático do domínio infinitivo ocorrer como sujeito final do verbo perceptivo, apenas infinitivo não flexionado é permitido.

- (46) a. **Os meninos** foram vistos a devorar o gelado.  
b. \***Os meninos** foram vistos a devorarem o gelado.



(viii) Os clíticos associados à posição de sujeito do domínio encaixado ocorrem na forma acusativa, adjacentes ao verbo perceptivo (cf. (47)); os restantes clíticos ocorrem adjacentes ao verbo infinitivo (cf. (48)).<sup>6</sup>

(47) Vi-os a sair(em) do cinema.

(48) a. Não estou a ver ninguém a exaltar-se por causa do Michael Bolton  
[*Natura/Público*: par 69125]

b. Não vi os meninos a dar(em)-lhes pipocas.

As propriedades acima enumeradas sugerem a seguinte caracterização da PIC:

(i) Existe partilha temática entre a PIC e o seu sujeito: ambos partilham o papel- $\theta$  Tema atribuído pelo verbo perceptivo (cf. Rizzi 1992, que reformula a hipótese apresentada em Guasti 1988).

(ii) A PIC é um domínio semanticamente defectivo, i.e., é um domínio com Tempo dependente: da oração superior, exigindo-se sobreposição entre as situações descritas pelos dois domínios oracionais.

(iii) A PIC é um domínio sintacticamente defectivo: quer ocorra infinitivo flexionado, quer não flexionado, T não tem traços de Caso nominativo activos; nestas condições, o sujeito do domínio infinitivo verifica Caso acusativo no domínio superior.

(iv) A preposição *a* é a lexicalização de um núcleo Asp(ecto) que, amalgamando-se com T defectivo, desencadeia a interpretação durativa da situação descrita pela PIC.

As representações parciais relevantes da PIC com infinitivo flexionado e não flexionado são as que se apresentam em (49) e (50):

(49) ... [<sub>AgrSP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>AgrS</sub> AgrS [<sub>T</sub> T [<sub>Asp'</sub> [<sub>Asp</sub> a] [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> V ...]]]]]

(50) ... [<sub>T</sub> T [<sub>Asp'</sub> [<sub>Asp</sub> a] [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> V ...]]]

O movimento de V encaixado para verificação dos seus traços morfológicos em (49) e (50) desencadeia a formação de um núcleo sintacticamente complexo (V-*a*) em AgrS e T, respectivamente. Mas, assumindo, como Roberts (1997) e Gonçalves (1999) que:

<sup>6</sup> A impossibilidade de Subida dos clíticos não sujeito mostra que não há na PIC formação de um predicado complexo (veja-se o contraste entre (48) e (i), abaixo).

(i) a. \*Não o vi os meninos a devorar(em).

b. \*Não lhes vi os meninos a dar(em) pipocas.

- (51) (i) movimento núcleo a núcleo procede por cópia,  
 (ii) em línguas que fixam o valor negativo para o Parâmetro da Polissíntese,  
 \* $[X^0 W_1 W_2]$ , em que  $W_1$  e  $W_2$  são palavras,  
 (iii) qualquer núcleo é soletrado na posição L-relacionada mais alta que ocupa na cadeia e que respeite a condição (ii),

V é soletrado em T na PIC com infinitivo flexionado (cf. (52)) e em Asp na PIC com infinitivo não flexionado (cf. (53)).

(52)  $[AgrS' [AgrS [T [Asp t_V a] T] AgrS] [T' [T V T...]]...$

(53)  $[T [T [Asp t_V a] T]] [Asp' [Asp V T...]]...$

## 2.2. A construção gerundiva seleccionada por verbos perceptivos em PB

A construção gerundiva, característica do PB, partilha as seguintes propriedades da PIC em PE (cf. secção 2.1.): a sequência à direita do verbo perceptivo forma um constituinte único (cf. (54)), no domínio gerundivo não pode ocorrer o auxiliar perfectivo *ter* (cf. (55)) nem um pronome anafórico na posição de especificador de VP (cf. (56)), o sujeito do domínio gerundivo verifica Caso no domínio superior (cf. (57)), enquanto os clíticos complemento verificam Caso no domínio gerundivo (cf. (58)).

- (54) a. **Os meninos devorando o gelado**, eu não vi [-].  
 b. Foi **os meninos devorando o gelado** que eu vi.  
 c. O que eu vi foi **os meninos devorando o gelado**.  
 d. - Sabes o que vi?  
 - Não.  
 - **Os meninos devorando o gelado**.
- (55) a. \*Eu vi os meninos **tendo** devorado o gelado.  
 b. \*Ouvimos os pais **tendo** chamado os miúdos.
- (56) a. \*Eu vi os meninos devorando **eles** o gelado.  
 b. \*Ouvimos os pais chamando **eles** os miúdos.
- (57) Petti e o produtor **me viram cantando** em um programa  
 [NILC/São Carlos: par 934345]
- (58) Afinal, não é fácil ver seu parceiro **se afastando** de você por não conseguir manter uma relação sexual satisfatória.  
 [Cláudia, ano 38, n.º 6.06.99, p. 211]

Assumindo a hipótese formulada em Duarte et al. (2001), a inexistência no *corpus* de casos de ênclise, contrariamente ao que acontece em adjuntos adverbiais gerundivos, sugere que, nos complementos gerundivos dependentes de verbos perceptivos, T não entra na numeração. Assumindo esta hipótese, em PB, a construção

gerundiva é uma projecção do núcleo funcional Asp, como se representa parcialmente em (59):

(59) ... [<sub>Asp'</sub> [<sub>Asp</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> V ...]]]

### III. CONCLUSÕES

Da análise proposta nas secções anteriores, é possível chegar às seguintes conclusões:

1. PE e PB admitem ECM, mas:
  - em PE, o Sujeito encaixado cliticiza em acusativo no verbo superior;
  - em PB, o Sujeito encaixado ou cliticiza em acusativo no verbo superior ou corresponde a um pronome forte.
  
2. PE e PB só admitem a formação de predicados complexos perceptivos se o verbo encaixado for um verbo de um lugar. A ocorrência deste tipo de predicados é mais limitada em PB, variedade em que a construção é pouco produtiva se o verbo encaixado for inergativo.
  
3. Como acontece com as construções causativas sintácticas (cf. Gonçalves & Duarte 2001), existe uma defectividade funcional crescente nas três construções perceptivas com Infinitivo:
 

Infinitivo flexionado < ECM < predicado complexo
  
4. Os dados apresentados confirmam as conclusões de Gonçalves & Duarte (2001), de acordo com as quais, em domínios não finitos,
  - 4.1. A economia nas representações tem mais custos derivacionais (cf. construção com predicado complexo)
  - 4.2. A economia nas derivações tem mais custos representacionais (cf. ECM e infinitivo flexionado)
  
5. A menor frequência de ocorrência de predicados complexos perceptivos em PB sugere, igualmente na linha de Gonçalves & Duarte (2001), que, em domínios não finitos:
  - o PE privilegia a economia nas representações (portanto, admite mais facilmente a construção)
  - o PB privilegia a economia nas derivações (portanto, admite mais frequentemente ECM)
  
6. A PIC e a construção gerundiva dependentes de verbos perceptivos em PE e em PB:

- são construções em que existe partilha temática entre o domínio não finito e o seu sujeito;
- são construções temporalmente defectivas do ponto de vista semântico;
- são construções temporalmente defectivas do ponto de vista sintáctico:
  - em PE, T não é activo quanto a traços de Caso nominativo;
  - em PB, T não é projectado;
- o sujeito verifica Caso no domínio superior, o que faz destas construções casos particulares de ECM.

## Bibliografia

- Bordelois, I. (1974). *The Grammar of Spanish Causative Constructions*. Dissertação de Doutoramento, MIT.
- Bošković, Ž. (1997). *The Syntax of Non finite Complementation*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Cyrino, S. (1993). "Observações sobre a Mudança Diacrónica no Português do Brasil: Objecto Nulo e Clíticos". In Roberts, I. e M. Kato (orgs.). *Português Brasileiro – uma viagem diacrónica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Cyrino (1994/1997). *O Objecto Nulo no Português do Brasil. Um estudo sintático-diacrónico*. Londrina: Editora da UEL.
- Duarte, I. (1993). "Complementos Infinitivos Preposicionados e Outras Construções Temporalmente Defectivas em Português Europeu". *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL/Colibri.
- Duarte, I., G. Matos, A. Gonçalves & I. Ribeiro (2001). "Clíticos especiais em Português europeu e Português Brasileiro". Comunicação apresentada ao Colóquio *Português Europeu/Português Brasileiro. Unidade e Diversidade na Passagem do Milênio*. Fortaleza, Março de 2001.
- Duarte, M. E. (1986). *Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, PUCSP, São Paulo.
- Galves, C. (1997). "La Syntaxe Pronominale du Portugais Brésilien et la Typologie des Pronoms". In A. Zribi-Hertz (org.). *Les Pronoms. Morphologie, Syntaxe et Typologie*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes.
- Galves, C. & B. Abaurre (1996). "Os Clíticos no Português Brasileiro: Elementos para uma Abordagem Sintáctico-Fonológica". In Castilho, A. e M. Basílio (orgs.). *Gramática do Português Falado*. Vol. IV. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- Gonçalves, A. (1999). *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A. (2001). "Predicados complexos com verbos causativos e perceptivos do PE". *Actas do XVI Encontro da APL*. Lisboa: APL.
- Gonçalves, A. & I. Duarte (2001). "Construções Causativas em Português Europeu e em Português brasileiro". *Actas do XVI Encontro da APL*. Lisboa: APL.
- Guasti, M. T. (1988). "La Pseudorelative et les Phénomènes d'Accord". *Rivista di Grammatica Generativa*, 5.

- Guasti, M. T. (1992). "Pseudo relatives and Prepositional Infinitives". In *GenGenP*, 0: 53-65.
- Kato, M. (1993). "Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica". In Roberts & Kato (orgs.). *Português Brasileiro – uma viagem diacrónica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Raposo, E. (1989). "Prepositional Infinitival Constructions in European Portuguese". In Jaeggli, O. & K. Safir (orgs.). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Rizzi, L. (1992). "Direct Perception, Government and Thematic Sharing". *GenGenP*, 0, 39-52.
- Roberts, I. (1997). "Restructuring, Head Movement and Locality". *Linguistic Inquiry*, 28: 423-460.
- Sten, H. (1953). "L'Infinitivo Impessoal et l'Infinitivo Pessoal en Portugais Moderne". Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XIII, 1952.
- Zanuttini, R. (1996). "On the Relevance of Tense for Sentential Negation". In Belletti, A. & L. Rizzi (orgs.). *Parameters and Functional Heads*. N. Iorque – Oxford: OUP.